# CORPO TEM CORPOS, TEXTURA E PERFUME: OUTRAS COSTURAS, OUTRAS COLAGENS

 Iáscara Oara de Jesus[[1]](#footnote-1)

**Eixo temático: Linguagem e Artes**

 Este resumo é um recorte redesenhado da minha tese (qualificada) acerca do corpo. Gestado em úteros/cápsulas sintéticas e orgânicas promete um futuro. Laboratórios proliferam. Redes até então orgânicas e restritas hibridizam. Um corpo de passagem é reatualizado em códigos. Um corpo no mundo faz mundos. Como suporte, Deleuze, no pensamento rizomático, perene, transitório. O estruturado nunca o é plenamente. Não há ponto de chegada nem de partida, mas linhas em movimento. Como objetivo, proponho conectar o corpo com diferentes áreas do conhecimento. O método utilizado foi o da Metodosofia. Não há resultados expressos, mas sim a intenção de pensar o corpo. Linhas gestando outras, retornadas, renascidas. Nem sujeito, nem objeto. O rizoma não se submete a modelos estruturais ou geracionais. Experimentos rompem com o sujeito da consciência, da fixidez ou da permanência (DELEUZE, 1995; 1997; 2005). Viciado na instantaneidade, o invólucro humano é consumido em plataformas. Nos jogos estabelecidos, o corpo é hackeado, impresso em 3d (LIMA, 2019; ENRIQUEZ, 2019). Tem cor, textura e perfume. Afasta e aproxima a obsolescência; imuniza e se replica em contextos artificiais. Ao fazer-se, ou fazer-me, possíveis caminhos nos levam a pensar. O humano que se anuncia chama de “verdade” aquilo que o conserva no rebanho e de “mentira” aquilo que o ameaça ou exclui do rebanho (NIETZSCHE, 2001). Eis, um horizonte inventado e distribuído em experimentos, receitas e fórmulas que entorpecem e definem sujeitos em suportes de peles que ainda denominamos Corpo (AGAMBEM, 2017; BAUMAN, 2017-2018; NIETZSCHE, 2005; HARARI, 2016). Olhá-lo em movimento e detectar algumas nuances que o formam e o instituem enquanto sujeito viabiliza e permite uma dança que redesenha e reivindica um caminho de fazer-nos experiência. Corpos revelados já possibilitam criar uma vida sintética editar corpos que vão sendo alterados, ainda que de forma acanhada e precária, mas já modificada e assinada pela ação humana. Homens e deuses conversam, deuses esses que também são desconectados com as descobertas científicas ampliadas. Protagonistas da cena, conversamos com o espelho: “Depois de decifrar as leis mudas da física, da química e da biologia, o gênero humano agora faz com ele o que quiser” (HARARI, 2016, p. 88). O Ser bruto, desajeitado e reativo, costurado com agulhas grossas, assegura nossa corporificação “(...) em seu formato prístino e potente, cru, rústico, rude/grosseiro, os quais o processo civilizatório conseguiu envernizar e/ou ‘terceirizar’ as não reparar, e menos ainda exorcizar” (BAUMAN, 2017, p. 21). Assim, vamos experimentando outras costuras, outras colagens. Intervencionistas por natureza, no ato de esculpir e experimentar, multiplicamos instrumentos que se traduzem em tecnologias aplicadas ao corpo, seja ele real, imaginário, virtual, engajado ou não. Indo um pouco mais além, Vieira afirma que, “no final do século XX, somos todos híbridos, o ciborgue é a nossa ontologia e determina a nossa política” (VIEIRA, 2019, p. 210). O corpo é o definidor da vida (HARAWAY, 2009; HARARI, 2016; MANSKE, 2013). Objetivo neste ensaio que se faz artigo, conexões com diferentes áreas do conhecimento. A experimentação como possibilidade de aumento de potência. Transgredir, aventurar-se e, talvez, inspirar outras transgressões. Tramar as conversas/vozes/discursos dos autores em um mundo múltiplo de diferenças. Acontecimentos. Corpos moldados que anunciam e são anunciados. E, moldados, revelam. Tendo como ponto de partida, de referência, o pensamento da diferença, utilizei a Metodosofia como fio condutor. Afinal, “A pesquisa pode ser vista como um discurso que não é para ser entendido, mas para ser vivido e, mais ainda, suportado em seus efeitos” (CORAZZA, 2020, p. 20). Não há resultadosexpressos, mas sim a intenção de refletir sobre o corpo que retorna continuamente. Ao inaugurarmos um outro eu humano, via átomos rearranjados e recolocados em movimento pelas tecnologias gestadas, corpos híbridos já protagonizam cenários presentes e são aperfeiçoados para futuros e novos formatos de ser e estar em, também, enquanto habitante de outros espaços. Em templos renovados ensaiamos coreografias, as quais pautam e manifestam novos corpos e os alocam em um outro mundo. Este corpo, “(...) outrora distante e sob os desígnios de Deus, seria transformado no ponto de chegada de todas as realizações da história humana” (SOUZA, 2019, p. 229). Mas, na contemporaneidade, isso não acontece. Nossos corpos se espelham e não se reconhecem. Refletem outras tramas que já nascem capturadas para atenderem demandas de um mundo inteiramente imerso em uma vontade e/ou necessidade de se adaptar e fazer frente aos desafios que se apresentam, instigam e anunciam uma nova geografia humana. Ao ser redesenhado, este corpo habita um espaço/tempo composto por linhas abertas. Híbridos em formação. Numa relação de alto contraste e complexidade revelada e materializada, este corpo também se mostra nas fábulas ficcionais. Eis, uma clara alusão a múltiplas linhas que se mostram. Sem um início, meio ou fim, a intenção é refletir sobre o corpo em uma conexão. Um corpo em movimento.

**Palavras-chave**: Corpo. Devir. Híbrido. Inteligência Artificial

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Trad. Selvino J. Assmann. Boitempo Editorial, 1.ed., 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**.Trad. Renato Aguiar. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BAUMAN, Zygmunt; LOENCINI, Thomas. **Nascidos em tempos líquidos**. Transformações no terceiro milênio. Trad. Joana Angélica D’Ávila Melo. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CORAZZA, Sandra Mara. Metodosofia: Contrato de tradução. In Métodos de transcrição: pesquisa em Educação da Diferença / Organizadora: Sandra Mara Corazza 0 São Leopoldo: Oikos, 2020

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos**. Textos e entrevistas (1953-1974). Edição preparada por David Lapoujade. Trad. Bras. Iluminuras, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. Trad. Sueli Rolnik. São Paulo: Ed. 54, 1997.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. Trad. Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**. Uma breve história do amanhã. Trad. Paulo Geiger. 1ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**. Uma breve história. 4ª edição. São Paulo: Editora L&PM, 2014.

HARAWAY, Donna. KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (org. e trad.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2º edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

ENRIQUEZ, Juan. **A ciência contemporânea**: a era da maravilha genética. [VIDEO]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-T3k6s7bev8 – 2019. Acesso em 30 set. 2020.

HARAWAY, Donna. KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (org. e trad.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2º edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LIMA, Manuel. VIDEO. **História da Ciência**. Uma história visual conhecimento. Disponível em:

https://www.ted.com/talks/manuel\_lima\_a\_visual\_history\_of\_human\_knowle dge/transcript?language=pt-br#t-756704. Acesso em 20 dez. 2019.

MANSKE, George Saliba. Atletas do século XXI: ou das fusões biotecnológicas nos atletas de alto rendimento. In: **Movimento**. Revista de educação física da UFRGS/Porto Alegre, v. 19, n. 1, jan./mar. 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**:Prelúdio a uma filosofia do futuro. 1. Edição. São Paulo. SP: Companhia de Bolso, 2005.

SOUZA, Fábio Feltrin. Heterotopia, outros tempos? In: **Foucault e as práticas de Liberdade II**: topologias políticas e heterotopias/ Atílio Butturi Júnior/ Cesar Candiotto/ Pedro Souza/ Sandra Caponi (Orgs.) Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

VIEIRA, Priscila Piazentini. Michel Foucault e o “Manifesto Ciborgue”, de Donna Haraway. In: **Foucault e as práticas de liberdade I**: vivo e os seus limites. Atílio Butturi Junior/ Cesar Candiotto/Pedro de Souza/Sandra Caponi (Orgs.). Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

1. IÁSCARA OARA DE JESUS (oarajesus@gmail.com) - É Doutoranda em Educação na linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação (UNIVALI) Universidade do Vale do Itajaí, Mestre em Ciências da Linguagem (UNISUL) Universidade do Sul de Sana Catarina, especialista em Produção e Criação de Moda (UDESC) Universidade do Estado de Santa Catarina. Graduada em Direito (UNIVALI). artista experimental e professora universitária. Atuou como professora/coordenadora em cursos técnicos, de graduação e Pós-Graduação no (SENAI-SC-Brasil) Serviço Nacional da Indústria, (UNIVALI)- Universidade do Vale do Itajaí. Tem experiência na área da Educação, Moda, Design, Artes e Desenvolvimento de Produto. Recebeu o Prêmio Rio Sul – IV Salão de Artes da Cidade de Itajaí/ Revelação Artística Itajaiense – e Indicação Especial – III Salão de Artes da Cidade de Itajaí (Fundação Cultural de Itajaí). Temas de Interesse e pesquisa: Corpos, culturas, biopolíticas, pedagogias culturais, artes. Componente do Grupo de Estudos e Pesquisa em Estudos Culturais (GEPEC) (DGP/CNPQ) /Professor orientador: Dr. George Saliba Manske [↑](#footnote-ref-1)